

Existe a oferta pagã, aquela que alguém coloca no gasofilácio como investimento que espera um retorno de Deus. Alguns doam para ganhar poder ou glória dentro da instituição a qual pertencem.

Certamente existem outras motivações para as nossas ofertas, às vezes até a combinação de várias razões. Queria aqui dar destaque a duas razões nobres, bíblicas, pelas quais devemos ofertar.

Uma é a fé que nos leva à obediência a Deus. Quando damos baseados na confiança de que Deus nos colocou como parte de um corpo social, onde uns suprem as necessidades dos outros, então estaremos dando com uma consciência comunitária, sadia.

Outra é a verdadeira misericórdia. Aquela que quer ver a liberdade do próximo e lamenta sua escravidão de necessitado ou de endividado. Então a ajuda tem o objetivo de libertar a pessoa e não somente trazer alívio momentâneo. Nesse caso demandaremos esforço e compromisso do ajudado para uma caminhada de restauração e mudança de vida.

Devemos doar para ajudar e não para alimentar uma situação de dependência doentia. É bom que essa ajuda seja comunitária, com o envolvimento de mais de uma pessoa. Assim os conselhos e experiências são repartidos no desenho de um projeto compartilhado, onde há sentimento de parceria por parte de quem ajuda, e de proteção por parte de quem é ajudado.

Quando não ajudar

Por cruel que possa parecer há situações em que nada se pode fazer a não ser aguardar. Já vi casos em que a dependência era tão grande que, para evitar que outros fossem engolidos, a ajuda teve que ser limitada a itens básicos de sobrevivência. Em outra situação, toda a administração financeira do ajudado teve que ser passada para outra pessoa, os débitos foram sendo pagos lentamente até que houvesse condições de retorno à normalidade.

Não se deve dar dinheiro ou se tornar fiador de pessoas com agenda oculta. O que surgir daí pode resultar na extensão do problema para aqueles que querem ajudar. Problemas não são resolvidos ajudando a quem não se abre para os irmãos. Isso apenas drena recursos para áreas desconhecidas, que dificilmente têm a ver com uma vida cristã sadia.

Da mesma maneira, não podemos nos comprometer financeiramente com pessoas escravas de vícios (consumismo, sexo, jogo etc.). Isso só piora a situação. Agiotas e traficantes conseguem escravizar muitos através dos seus dependentes.

Não devemos estar sozinhos na ajuda a alguém,

principalmente quando o valor envolvido é alto. Pessoas sinceras, inexperientes, já foram parasitadas por gente que sabe como explorar o sentimento de culpa de irmÃes tementes a Deus.

Quando e como receber

Várias razões podem nos levar a precisar dos irmãos. Algumas são justificadas, como desemprego involuntário, doença, acidente etc. Nesses casos não precisamos ter vergonha de chegar-nos a irmãos de nossa confiança. Infelizmente existem outras situações em que somos os responsáveis pela penúria financeira.

Não é incomum pessoas com um padrão de vida maior do que o daqueles que as ajudam. É triste vermos irmãos tão endividados gastando, sem qualquer constrangimento, em coisas perfeitamente dispensáveis. Isso é pecado. É desrespeito aos ajudadores.

Se não houver a disposição em mudar de vida, é melhor ir à falência do que continuar mentindo, pedindo emprestado, quando sabemos que não podemos pagar, além de jogar num buraco o fruto do trabalho honesto de pessoas que se preocupam conosco.

Caso haja arrependimento e um sincero desejo de mudar de vida, devemos obedecer a certos princípios.

Deixemos de lado o orgulho. Sejamos humildes e aceitemos a orientação daqueles que querem nos ajudar.

Abramos o jogo para com os nossos credores (pessoas que nos emprestaram de boa fé). Não podemos manter cartas na manga, informações ocultas.

Cuidado com aqueles que nos fazem promessas mirabolantes através de profecias e que nunca nos mostram o pecado que nos levou à penúria. “Somos filhos do Rei”, “somos cabeça e não cauda” e outras expressões similares, são afirmações que soam bem perigosas quando se trata de finanças. Não confundamos espiritualidade com fartura financeira. Muitos irmãos, dando ouvidos aos profetas da prosperidade, tiveram suas finanças desestruturadas. Há casos de “profecias”, dadas fora das vistas da igreja, que destroem todo o trabalho de restauração. Irmãos ficam se esforçando em vão, sem saber que uma agenda espiritual oculta está destruindo a esperança de uma vida nova.

O saber receber inclui gratidão, respeito por aqueles que se preocupam conosco e um sincero comprometimento com o caminho traçado em comunidade. Inclui um arrependimento verdadeiro pelo acontecido e o desejo de uma solução definitiva, que evite a repetição da mesma situação.



Igreja Presbiteriana do Planalto

Pastorais do Conselho

3

Mordomia Cristã

Administrando bens segundo o chamado de Jesus

(Segunda Parte)

Pb. José Miranda Filho

Brasília, outubro de 2007

Mordomia Cristã -II

Administrando bens segundo o chamado de Jesus

José Miranda Filho

Finanças na vida privada - Uma parábola para os nossos dias.

“Vivia um homem em uma pequena casa de tijolos, com piso de cimento e pintada de branco. Habitava ele no meio de uma favela paupérrima composta de casas de papelão, latas, e outros materiais que servissem de tapume contra o frio e bichos indesejáveis. O homem então orava: graças te dou Senhor, pela boa casa que me deste. Com o passar do tempo os seus vizinhos foram prosperando e começaram a reconstruir suas moradias. O cenário começou a mudar e em lugar das taperas surgiram boas casas com garagem e até com um sobrado. À medida que a vizinhança foi prosperando o coração do nosso personagem foi mudando e ficando sombrio até chegar o dia em que sua casa era a mais simples do local. Com o coração apertado e triste ele então orou: Senhor, porque me deste uma casa tão miserável?”

Lendo o texto acima poderemos perguntar: o que mudou na casa do homem, durante todo o período de transformação da favela? Por que sua oração mudou tão drasticamente? Resposta: sua casa não sofreu qualquer mudança, mas o olho dele era cobiçoso e não suportou ver o progresso material dos outros suplantando o seu próprio. Ao invés de alegrar-se com a alegria dos outros ele perdeu sua própria alegria e o seu motivo de graças tornou-se motivo de queixas e murmurações contra Deus. O Senhor não tirou absolutamente nada do que ele tinha, mas sua própria cobiça fez com que ele perdesse a alegria naquilo que Deus tinha dado.

Talvez tenhamos na inveja e cobiça um dos maiores incentivadores na luta pelo sucesso. Buscamos com avidez conquistar muitas coisas desnecessárias mas que foram adquiridas por nossos amigos, vizinhos e até irmãos. Estamos perdendo a noção de vida simples. Muitos acham humilhante andar de ônibus ou têm vergonha de sua morada, de seu tênis, de levar lanche para a escola por não ter dinheiro para pagar a lanchonete. A vergonha permeia a vida daqueles que não se contentam com o que Deus deu e sua

vida passa a ser uma constante luta pelo sucesso material, pelo ter, pelo fim do seu opróbrio. O não ter passa a ser símbolo de fracasso, motivo do complexo de inferioridade, razão suficiente para admirarmos e respeitarmos aqueles que têm. Poderemos até chegar a usar meios desonestos para conseguir o ter, fazendo morrer o ser. Não é sem razão que Jesus falou que dificilmente um rico entraria no Reino de Deus (Mt 19:23). Paulo fala em Timóteo que os que querem ficar ricos caem em tentações, ciladas, e que afogam os homens na ruína e perdição (2Tim 6:9).

Organizando as finanças

A maioria dos cristãos no Brasil vive com um orçamento bastante limitado. Sabemos que os baixos salários e as condições econômicas do país são, em boa parte, responsáveis pelo nosso “sufoco”. Temos, porém, que reconhecer nossas fraquezas na administração orçamentária, e que algumas medidas saneadoras poderiam ser tomadas para resolver ou atenuar o problema. Conheço cristãos com orçamentos bem elaborados e que sabem viver com relativa tranqüilidade nos limites de seus modestos ganhos. Não é para esses cristãos que estou escrevendo este texto. Minha preocupação é com aqueles que poderiam viver melhor se fossem mais organizados em seus gastos.

Uma regra matemática diz que não podemos tirar de onde não se tem. Para gastarmos além da nossa renda, precisamos de recursos complementares. Esses recursos vêm, geralmente, sob forma de dívidas. A dívida, principalmente se corrigida pelos altos juros, é péssima companheira do cristão. Como num jogo de xadrez, ela vai empurrando o endividado contra a parede. Após muitas rolagens da dívida, pedindo emprestado aqui para pagar ali, o devedor é obrigado a render-se. Essa rendição poderá ser trágica. Poderá vir através do simples calote, com todos os seus desdobramentos negativos para o cristão e para o Reino; poderá vir através do oficial de justiça que lhe confiscará os bens. Pode provocar a perda do emprego por punição ou pelo problemas levados para dentro da empresa. Na melhor das hipóteses será socorrido por irmãos que cobrirão sua dívida.

Essa experiência, iniciada com simples impulsos consumistas, deixa marcas profundas no cristão. Ele se sentirá humilhado. Sua auto-aceitação será seriamente abalada. Terá dificuldade de andar com a cabeça erguida. Tudo isso se conseguir voltar a ter uma vida profissionalmente normal. Se não, necessidades básicas virão bater à porta de sua família, e aí ninguém sabe do que ele será capaz.

Não quero ser trágico, mas casos assim são comuns em nossas igrejas e um alerta deve ser dado. A coisa começa de uma forma muito inocente, às vezes com coisas

bem supérfluas. O desejo de imitar o padrão de consumo daqueles com mais posses é nocivo ao nosso bolso, aos nossos sentimentos e a nossa vida espiritual.

O consumismo é um vício. Há pessoas que não têm condições de ver vitrines sem sentir a compulsão da compra. Um cristão que reconhece essa compulsão não deveria usar cartões de crédito ou cheques especiais. Já acompanhei de perto irmãos que entraram por esse caminho e apenas o socorro de irmãos os livrou do pior. Posteriormente alguns repetiram o mesmo caminho por não poderem controlar o vício. Cristãos assim precisam de um sério acompanhamento pastoral e de uma busca insistente de cura. Esse vício é uma arma poderosíssima que precisa ser arrancada das mãos do inimigo.

Outro problema do consumismo descontrolado é que ele nos impede de participar do socorro aos carentes, além de nos deixar despreparados para qualquer imprevisto. Ao consumista é tirado o privilégio de dar e, em seu lugar, é dada a vergonha do pedir. Alguns irmãos terão sérias dúvidas em doar para uma pessoa descontrolada em seu orçamento.

Se entrarmos por esse caminho estaremos na contramão do Reino. Seremos um peso para a igreja e um mau exemplo para os amigos. É triste ver irmãos precisando de socorro em conseqüência da má administração de sua renda.

Um conselho: se você não pode controlar a vontade de gastar, não consegue deixar despesas dispensáveis e desestabilizadoras, procure orientação. Compartilhe com alguém, mesmo que você ache que a situação ainda não é séria. Não deixe que isso vá longe demais. Quanto maior a demora em tomar uma atitude mais sofrimentos e angústias virão. A solução do problema também será mais dolorosa quanto maior for a espera. Recentemente conversei com uma senhora que se desequilibrou após a separação. Ela nos procurou, aceitou os conselhos, tomou medidas duras e saiu das dívidas com uma rapidez surpreendente.

Como ajudar

Dar é um ato mais complexo do que parece. Primeiro quanto às motivações que nos movem a dar. Podemos dar por pena, para alívio momentâneo de um sofrimento que nos incomoda ver. Doamos para ganhar a simpatia da pessoa ajudada ou das pessoas que nos observam, ganhando assim uma boa imagem social. Ajudamos para ganhar amigos dos quais podemos precisar um dia.

O sentimento de culpa também nos empurra a ajudar, mesmo contra nossa vontade. Uma pessoa tímida, com baixa estima, pode dar para conseguir amigos, mesmo que comprados. Uma pequena esmola pode aliviar nossa consciência.